

ANTONIO HAUILA

recebi
em
12/8.

ALGUNS ASPECTOS DA EXPRESSIVIDADE SUFIXAL EM

VILA DOS CONFINS

of. para
Niterói, 11/04/77

Dissertação apresentada ao Departamen-
to de Linguística e Filologia, Coordena-
ção do Curso de pós-graduação em Le-
tras, da Universidade Federal Flumi-
nense, para obtenção de grau de Mes-
tre em Língua Portuguesa, sob a orien-
tação do Professor Doutor Olmar Guter-
res da Silveira.

NITERÓI - RJ.

1977

B4/M
D.

469
H 34
1977

"Faturão de caatinga possui o Sertão dos Confins. Léguas e léguas dessa tristura de cerrado feio, espinhento e seco - desconsolado terreno - último furo em matéria de terra que não presta, frequentada quase que só pelos lagartões tiú, povinho sonso, surdo e rabudo, mestre em lanhar a chicote as canelas dos passantes descuidados."

(Mário Palmério, *VILA DOS CONFINS*)

À Língua Portuguesa,

muito obrigado.

Í N D I C E

1. INTRODUÇÃO
2. OBJETIVOS
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
4. LEVANTAMENTO E ANÁLISE

Sufixos Nominais:

- 4.1) -aça, -aço, -iça, -iço
 - 4.2) -ada, -ado, -ato, -ida, -ido
 - 4.3) -ame, -ume, -um
 - 4.4) -ão, -ão, -ano
 - 4.5) -aria
 - 4.6) -edo
 - 4.7) -eiro
 - 4.8) -enta, -ento
 - 4.9) -ez, -eza
 - 4.10) -ista
 - 4.11) -or
 - 4.12) -oso
 - 4.13) -udo
 - 4.14) -ura, -dura, -tura
5. CONCLUSÃO
 6. BIBLIOGRAFIA

1 - INTRODUÇÃO

Vários são os processos de que um escritor pode lançar mão a fim de "sugestionar e emocionar" o leitor. Há uma incrível abundância de possibilidades ao feliz detentor do sistema da língua portuguesa. Pode ele transmitir seus anseios, emoções e perspectivas através da colocação das palavras na frase, pelo uso das figuras de linguagem, pela reiteração de fonemas, pela escolha de palavras, pela seleção da área semântica de significação; pelo ritmo, pela formação de sintagmas inusitados, pela omissão de termos, pela mudança de classe... enfim, por uma série de recursos os mais variados, que lhe permitem maior expressividade a sua mensagem.

"A *ESCOLHA*. Aí está a alma do estilo. A língua oferece possibilidades: o sujeito elege uma e rejeita outras"(1).

Esta escolha, portanto, é um ato consciente, que se fundamenta, sobretudo, na capacidade de conhecer o código que o usuário tem.

Língua (langue) para Saussure "é um sistema de elementos vocais comum a todos os membros de uma dada sociedade e que a todos se impõe como norma definida". Já a fala ou discurso (parole) "é a atividade linguística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida e do indivíduo". Assim, a *FALA* é um ato mental individual. Mas, observam os saussurianos, o indivíduo, ao falar, *NÃO CRIA LINGUAGEM*; utiliza, isto sim, o material linguístico que a comunidade lhe ministrou ou lhe impôs. É possível, então, assinalar os traços da *LINGUAGEM COLETIVA* que o escritor pôs em relevo

(1) - Gladstone Chaves de Melo, "Ensaio de estilística da língua portuguesa", p. 23

na manifestação artística a partir da determinação de certos aspectos da *língua*, utilizados ou utilizáveis pelos artistas da palavra, como pretendem Bally, Sechehaye e outros discípulos do mestre. "A tarefa da estilística consiste em procurar quais são os elementos expressivos que num momento dado servem para produzir os movimentos da razão e do sentimento".(2) Ou estudar "os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo"(3).

Esse *langage organisé* não é outra coisa se não a *langue* saussuriana.

Bally, portanto, contraria a concepção de que a Estilística seria a parte da ciência da linguagem que se ocupa com os fatos de estilo "maneira típica por que nos exprimimos linguisticamente, individualizando-nos em função da nossa linguagem"(4). O que ele procura investigar são os recursos de caráter afetivo da *língua* (e não do escritor); os processos inerentes a esta *língua*, e não aqueles decorrentes da deliberada atividade artística.

(2) - *Traité de Stylistique Française*, Paris Klincksiek, 1951.

(3) - *Idem*

(4) - Mattoso Câmara, "Dicionário de Filologia e Gramática", 2a. ed. p. 135, verbete ESTILO.

"Quand le sujet parlant se trouve dans les mêmes conditions que tous les autres membres du groupe, il existe de ce fait une norme à laquelle on peut mesurer les écarts de l'expression individuelle; pour le littérateur, les conditions sont toutes différentes: *il fait de la langue un emploi volontaire et conscient* (on a beau parler d'inspiration; dans la création artistique la plus spontanée en apparence, il y a toujours un acte volontaire); en second lieu et surtout, *il emploie la langue dans une intention esthétique*; il veut faire de la beauté avec les mots comme le peintre en fait avec les couleurs et le musicien avec les sons. Or cette intention, qui est presque toujours celle de l'artiste, n'est presque jamais celle du sujet qui parle spontanément sa langue maternelle. Cella seul suffit pour séparer à tout jamais le style et la stylistique".(5)

2 - OBJETIVOS

É isto que vamos procurar fazer neste trabalho.

Seguindo a orientação da Estilística de Bally, intentaremos, não um estudo literário do estilo individual de Mário Palmério, mas "*l'étude des caractères d'une langue*" (6), procurando surpreender aqueles "elementos expressivos" de que se utilizou para "construir" a sua "VILA DOS CONFINS", e demonstrar que a expressividade atingida só foi possível com o código, com o sistema da língua portuguesa e suas potencialidades.

Sua literatura corresponde a uma região natural do país, onde "Só a pecuária se implantou firme e progrediu;

(5) - Bally, ob. cit. p. 21

(6) - Bally, "Le langage e la vie", p. 79

criou ajuntamentos, configurou a fazenda, com os "camaradas", versão regional do vaqueiro do Nordeste e do peão do Sul. E a riqueza circulou, andando por aí, nas enormes boiadas, com o capataz vigilante, ora na culatra, ora na cabeceira, dando ordens". (7)

É a linguagem dos homens desses confins que vamos analisar na sua parte derivativa, quando seus aumentativos, valendo por autênticos superlativos, dimensionam toda a gama de acontecimentos. "Sertanejos de alma cheia de crendices e superstições, entre os quais, vez por outra, repontam os líderes da coragem extrema, capazes de pôr um arremate ridículo às histórias em que o sobrenatural se limita com o mundo real". (8)

Falamos em derivação, e é o uso desse processo expressivo em "VILA DOS CONFINS" que norteará este trabalho e fundamentará a pesquisa.

Nosso levantamento foi feito em cima da estrutura dos vocábulos, em que o autor, usando o recurso da sufixação, dimensiona as pessoas, os animais e as coisas, dentro de duas perspectivas principais: o tamanho - físico e moral - e a quantidade (e muitas vezes esta por aquele e vice-versa). Pode-se dizer, até, que o seu principal enfoque estilístico repousa eminentemente no manejo dos morfemas derivacionais pela boca do homem interiorano: criador e intérprete de linguagem graciosa e ingênua, verdadeiro usuário das inesgotáveis possibilidades que a língua oferece.

A propósito, sintamos como Rodrigues Lapa

(7) - M. Cavalcanti Proença, Estudos Literários, p. 347

(8) - ob. cit. p. 358

se refere à linguagem dos provinciais: "O povo das aldeias também fala a sua língua, que na escolha do vocabulário, na alteração fonética da palavra e na construção da frase, se afasta não pouco do idioma da cidade... os escritores mais impregnados de vida regional colhem às mãos-cheias nessa abundante e pitoresca seara de modismos provinciais... e não desprezam de empregar no seu estilo pessoal muitos desses modos de dizer provincianos, tão cheios de força expressiva". (9)

Mas iremos deixar de lado o rico e fascinante manancial de "modismos provinciais", abundantes no livro de M. Palmério, que poderíamos exemplificar com algumas passagens coletadas ao acaso:

- pp. 10. "... consegue vencer a canseira e a *sem-graceza* da pernada."
32. "-É, está *colossa*, uma vela!"
35. "-Doutor, doutor... agora é a *peixa*... é a *peixa*, sim..."
37. "-Agora, doutor! Ixe, que *monstra*!"
"-Surubim! É dos *manatas* [por *magnata*], olhe a vara!"
(obs. ocorre, também, na p. 29)
38. "Ei, *linhinha macha*! ... bicho *feroso* este, cruz!"
49. "Numa hora daquelas, *vesprando* já a eleição..."
63. "Vai *choferando* a *bicha*, para cima e para baixo, caminhando sobre o papel;"
118. "Podíamos falar primeiro com D. Penha, - *manhou* o João Soares."
166. "O vozeirão agradou ao Chico Belo, acostumado a lidar com boi e gente *macha*:"

(9) - M. Rodrigues Lapa, "Estilística da língua portuguesa", 5a. ed. pp. 58/59

para nos fixarmos apenas na análise estilística da sufixação e da expressividade que daí resulta para a linguagem, pois "é nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns dos sufixos...Fomos sempre, em todos os tempos, homens sentimentais e escarnecedores. Os sufixos retratam essa feição dupla e contraditória do nosso temperamento: delicadeza lírica e observação galhofeira e motejadora." (10)

A estas considerações do emérito professor Rodrigues Lapa, tomamos a liberdade de acrescentar a feição hiperbólica, largamente usada na linguagem dos personagens de "Vila dos Confins", que agora passaremos a examinar.

3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

"A derivação, que era um mecanismo um tanto discreto em latim clássico, se desenvolveu enormemente em latim vulgar. Ampliou-se a utilização dos sufixos que já funcionavam, outros foram remodelados, e novos se introduziram por combinações, dentro da língua, ou por empréstimo a outra língua, como especialmente ao grego. A grande tendência foi abandonar para esse fim os segmentos átonos e dar preferência a segmentos nitidamente marcados pelo acento vocábulo." (11)

(10) - ob. cit. p. 84

(11) - Mattoso Câmara, "História e estrutura da língua portuguesa", 2a. edição, pp. 214, 215.

Como diz Mattoso Câmara, a derivação é desenvolvimento nitidamente popular. A ampliação, a remodelação e a inovação combinatória, são atividades eminentemente da fala, pois é o povo que dentro das infinitas necessidades comunitárias vai modelar o vocabulário, consoante às circunstâncias e reivindicações do meio em que vive.

A derivação, assim, se presta a retratar na base de certos sufixos particularmente produtivos, uma permanente possibilidade de criação de substantivos e adjetivos no português moderno.

Mas, abertas as possibilidades, não é sempre que a realização da mudança se faz conjugada com os padrões - digamos - filológicos, da linguagem. O desvio, sobre ser principalmente semântico, via de regra atende à logicidade natural do falante, que não está preocupado com a sistemática dos fatos de língua, pois ele só precisa da estrutura, que lhe é imanente desde a mais tenra infância.

Por isso é que o esforço de linguistas e filólogos, apesar de compensador, fica geralmente defasado em relação à velocidade da mudança e à ebulição constante, observáveis no "fazer" e "refazer" contínuo e eterno da linguagem humana.

Dito isto, passemos a enfocar os sufixos, nos seus aspectos gramaticais da derivação e da flexão, considerando, ainda com Mattoso Câmara, que "A GRAMÁTICA descritiva ou sincrônica é o estudo do mecanismo pelo qual uma dada língua funciona, num dado momento (gr. syn - "reunião", chrónos "tempo"), como meio de comunicação entre os seus falantes, e na análise da estrutura,

ou configuração formal, que nesse momento a caracteriza." (12)

Esta configuração formal aparece titulada de maneira vária nas gramáticas, de acordo com o posicionamento linguístico de cada autor.

Neste trabalho adotaremos a nomenclatura de André Martinet (13) que chama LEXEMA ao radical, e MORFEMA a todo elemento que se agrega ao lexema (ambos sob o nome geral de MONEMAS).

Estes monemas se distinguem quanto à natureza da significação: "Uns têm significação dita externa, porque referente ao homem e a tudo o que faz parte do mundo". [são os lexemas] "Outros a têm interna, pois que o seu sentido está relacionado ao universo linguístico ou sistema, que é a língua" (14) [são os morfemas]. Enquanto aqueles (também chamados de morfemas lexicais ou semantemas) pertencem a uma série aberta, de renovação e ampliação infinitas, já que podem ser criados sempre que se precise designar linguisticamente fatos, coisas, idéias e ações; estes (também chamados de morfemas gramaticais), pertencem a uma série fechada, de número limitado na língua.

Padronizada, assim, a terminologia, vejamos como estes morfemas (de agora em diante chamados de SUFIXOS, para atender ao questionamento que se fará) atuam sobre os lexemas.

Por sufixo compreendemos toda partícula posta a um lexema. Esta junção, todavia, não funciona sempre da

(12) - "Estrutura da língua portuguesa", 4a. ed., p.1

(13) - "Eléments de linguistique générale"; (Paris, 1960), p.20

(14) - Celso Cunha, "Gramática da língua portuguesa", 2a.ed., p. 88.

mesma maneira para este lexema: ora ela não modifica o conceito do mundo exterior da palavra, agindo apenas externamente a este conceito, ora incide diretamente sobre ele.

No primeiro caso, temos uma FLEXÃO (15), chamando-se DESINÊNCIA ao elemento mórfico; no segundo, o processo é o da DERIVAÇÃO.

Na flexão, há uma sistematização coerente e obrigatória, prefigurando concordâncias de número, gênero e pessoa gramatical, num relacionamento fechado e paradigmático; já com a derivação, o resultado é uma nova palavra, a qual não obedece a nenhuma pauta sistemática ou obrigatória.

Ora, como não vamos fazer gramática e sim trabalhar com a liberdade criadora da linguagem, fixemo-nos na derivação, que é a menos sistematizada das duas, e, com Devoto, concluimos que: "As normas obrigatórias pertencem à Gramática; as facultativas à Estilística". (16)

Armada, portanto, esta ponte entre a teoria abordada e a temática a ser desenvolvida, vejamos, através da exemplificação colhida diretamente no romance de Mário Palmério, a atuação expressiva da derivação sufixal.

(15) - "O termo gramatical "flexão" é a tradução do alemão BIEGUNG, "flexão, curvatura", introduzido pelo velho filólogo Friedrich Schlegel (1772-1892) no seu livro clássico de 1808, SOBRE A LÍNGUA E FILOSOFIA DOS HINDUS, para indicar que um dado vocábulo "se dobra" a novos empregos. Apresenta-se em português sob o aspecto de segmentos fônicos pospostos ao radical, ou sufixos. São os sufixos flexionais, ou desinências, que não se devem confundir com os sufixos derivacionais, destinados a criar novos vocábulos". Mattoso Câmara, "Estrutura da língua portuguesa", 4a. ed., p.71.

(16) - citado em "Ensaio de estilística da língua portuguesa", - Gladstone Chaves de Melo, p. 24.

Acrescente-se, a tempo, que desprezamos toda formação sufixal diminutiva, não por irrelevância expressiva da mesma, e sim porque objetivamos - por unidade e simplicidade da pesquisa - nos ater apenas a uma das inúmeras possibilidades que a derivação nos oferece. Por isto, elegemos aquela que melhor exprime as relações do Homem com a sua terra, e do exagero, ingenuidade e desconfiança deste mesmo homem diante da Natureza e diante dos outros homens.

4 - LEVANTAMENTO E ANÁLISE

Para melhor ordenação e unidade da pesquisa, seguimos, no levantamento dos exemplos, a sistematização referente aos sufixos nominais que consta em Gladstone Chaves de Melo (17), sintetizadora daquelas existentes em Sousa da Silveira (18) e Said Ali (19).

Assim procedendo, estaremos procurando atingir aquele "Exame individualizado, para se ter idéia do valor e da fecundidade de cada um desses elementos formativos." (20) e cientes de que "Ao longo da história da língua os prefixos e sufixos foram adquirindo novos significados, foram perdendo antigos, foram-se esvaziando de qualquer significação." (21)

(17) - "Gramática Fundamental da Língua Portuguesa", 2a. ed., Rio, Liv. Acadêmica, 1970.

(18) - "Lições de Português", 7a. ed. melhorada, Rio, Livros de Portugal, 1964.

(19) - "Gramática Histórica da Língua Portuguesa", S. Paulo, Melhoramentos, 1966.

(20) - Gladstone Chaves de Melo, ob. cit. p. 95.

(21) - idem, ibidem.

Quanto à coleta dos "corpus", a ordem seguida é a mesma do romance, página a página, à medida que surge a palavra sufixada. Abandonamos, entretanto, as construções mais usuais (pouquíssimas), fixando-nos, apenas, naquelas para as quais o morfema derivacional carrega singular expressividade (inúmeras), razão e escopo desta dissertação.

<u>4.1</u>	-AÇA -AÇO -IÇA -IÇO	"Forma substantivos e adjetivos. Expressa várias idéias, entre elas a de aumentativo (<i>barcaça, barbaça, ricaço, bicaço</i>), de diminutivo (<i>rabiça, caniço, linguica</i>), pejorativa (<i>bagajo, vinhaça</i>), de ação realizada pelo instrumento (<i>pontaço</i>), de facilidade de realizar um ato, propensão, (<i>movediço, em barcadiço, alagadiço, encontradiço</i>)" (22)
------------	------------------------------	--

Em toda a obra, este sufixo só ocorre expressivamente uma única vez. Entretanto, a noção que dele emana para a palavra a que se junta, extrapola a série de significações arroladas para ele nas gramáticas:

- p. 64 "-Este é que é o tal de gê? Gostei dele: uma simpatia de letra! "Precioso, o Pé-de-Meia: "-Pois está ficando um serviço de gente, Seu João. O senhor até que tem jeito - um *letraço*! O juiz vai gostar."

A noção, como vemos, é nitidamente adjetiva, valendo pela expressão "que letra bonita!", com uma intenção nocional superlativante e, não, meramente aumentativa. Em nenhum momen-

to se percebe, também, o pejorativo de que nos fala Sousa da Silveira: "idéias várias, entre elas a de pequenez, predominando, porém, a de coleção, grandeza, principalmente em sentido pejorativo", tendo ocorrido justamente o contrário: a idéia é de beleza; beleza rústica, não carente de atributos piegás e citadinos, seca e despojada, de rápido e fácil consumo pelo sertanejo dos confins. Vale acrescentar aqui, também, que a propensão ao sufixo com morfema flexional masculino, observada neste exemplo, é uma constante deste romance, em que o homem é o centro de todas as ações e reações, e quando não é ele, o é o gênero masculino, predominante na quase totalidade das derivações e flexões, como veremos adiante.

No que diz respeito a esta propensão masculinizante, arrolamos alguns vocábulos construídos com desinência de feminino e que estão empregados em conotações sensivelmente enfáticas, hiperbólicas até, como que num desvio intencional de sublevação do feminino dos confins, objetivando aproximá-los de um efeito másculo e poderoso:

- pp. 35. "Dr., dr. ... agora é a *peixa*... é a *peixa*, sim..."
37. "-Agora, doutor! Ixe, que *monstra*!"
63. "Vai choferando a *bicha*, para cima e para baixo, caminhando sobre o papel;"
166. "O vozeirão agradou ao Chico Belo, acostumado a lidar com boi e gente *macha*:"

num curioso emprego oral, que o autor teria observado na fala de seus personagens e transcrito ao longo da narrativa.

A propósito destes exemplos de morfemas fle

xionais, aparentemente fora da série de sufixos derivacionais de que vimos tratando, é válido tecer duas considerações altamente pertinentes ao exame da expressividade da obra, em toda a sua implicação de natureza estilística: a propriedade com que o autor usa dos recursos ensejados pela LANGUE para "criar" aumentativos (função exclusiva dos morfemas derivacionais) com desinências (23), e o resultado hiperbólico-conotativo das mesmas desinências na PAROLE, referenciadoras que são de uma linguagem própria à narração de façanhas extraordinárias, quase sempre sem comprovação (cf. no romance, principalmente, pp. 145 e 154, e 262 a 263).

Com sentido normal, significando coleção, quantidade, ocorre *galhaça*:

- pp. 17 "... Paulo fazia o foco de luz amarela ir varrendo a *galhaça* das coivaras do barranco."
 259 "... aflitos mergulhos à procura de refúgio na emaranhada *galhaça* e no espesso colchão de folhagem podre."

Note-se, entretanto, que estes exemplos dos sufixos que estamos abordando têm - como que corroborando as obser

(23) - "É preciso não esquecer, entretanto, que a flexão de gênero é, em princípio, um traço redundante nos nomes substantivos portugueses. E muitos substantivos não a têm sequer. O que há são substantivos de tema em -A, em -O, em -E ou atemáticos, que possuem um gênero determinado implicitamente pelos adjetivos de tema em -O (estes sempre com a flexão de gênero pela oposição -O : -O + -A = -A), que, quando presentes, têm de ir para o gênero do substantivo que determinam. Assim, CASA é feminino, porque se tem^{de}dizer CASA LARGA e POETA é masculino, porque a expressão correta é POETA MARAVILHOSO." em Mattoso Câmara, "Estrutura da língua portuguesa", 4a. ed. p. 81.

vações que fizemos quanto à valorização do gênero masculino - uma conotação depreciativa, com valor de impedimento, obstáculo, e por isso mesmo mantidos na sua flexão normal de feminino.

- 4.2 -ADA "Sufixo formativo de substantivos. Originariamente é o formador do particípio passado dos verbos, e pode significar: "golpe, ferimento" (*punhalada, pedrada, chifrada, dentada, cabeçada, palmada, navalhada, pincelada, carrada*), "coleção de objetos de uma mesma espécie" (*boiada, papelada, meninada, moçada, ossada, galhada*), "doces e bebidas preparados com a substância indicada pela raiz" (*cajuada, marmelada, laranjada*), "medida" (*colherada, garfada, batelada*), "espaço de tempo" ou "duração de ação" (*jornada, reinado, papado, baronato, canonicato*). Usa-se também na nomenclatura científica (*sílicato, sulfato, clorato, permanganato*)."⁽²⁴⁾

Esta é a noção mais frequente e abundante ocasionada por estes sufixos. Porém, ao lado dela, encontramos em "VILA DOS CONFINS" outras significações não constantes nas gramáticas citadas. A mais curiosa é a que ocasiona noção aumentativa:

- p. 10. "Divertido a gente se ver crescendo, crescendo, até acabar num cabocão *apaidegado*, dono de toda a largura e comprideza da estrada!"

(cf. Aurélio: "Pai-d'égua. Adj. 2. g. 3 Bras. Gir. Diz-se de coisa grande, avultada, que causa espanto.")

(24) - ob. cit. p. 101

O autor valeu-se da noção gramatical adjetiva contida na expressão popular e construiu novo adjetivo, com evidente intenção aumentativa, numa reiteração superlativo-hiperbólica necessária ao pré-delineamento de um personagem sem atributos físicos, que terá papel relevante ao final da narrativa.

É de se notar, principalmente em exemplos como este, a marcante influência expressiva dos sufixos neste romance, pois apenas com seu emprego o autor caracterizou qualidades potenciais em um ser que já fora antes aquinhoado com uma série de sufixos diminutivos, denotadores, intencionalmente, de pusilanimidade e fraqueza:

pp. 9 e 10. "... roupinha de brim amarelo... lenço e caneta no bolsinho ... gravata chumbadinha de vermelho."
"Passinho miúdo, apressado."

num ludismo de extraordinário resultado estilístico.

Os exemplos a seguir retratarão, melhor ainda, o sentido intensificador e aumentativo desses verdadeiros átomos expressivos, que são os sufixos derivacionais:

- pp. 38. "vara, linha, pescador (bastava que este caísse na bobagem de bancar o teimoso), tudo seria engolido de uma *vezada* pelo horrendo sumidouro..."
75. "-Fui longe, desta vez. Mas descobri as nascentes do Caracol e inteirei as vinte onças, seu doutor.
 - Três dessa *vezada*? - admirou-se o Antero. - Da última vez, as contas andavam em dezessete..."
147. "Aurélio não resistiu:
 - Duzentos contos de uma *vezada*? O seu patrão não lhe chamou de doido?"

VEZADA, curiosa formação popular para ense-
jo, ocasião. Já a tinha ouvido, mas é a primeira vez que a vejo grafada. No trecho da p. 75, poderia ter havido um deslocamento do sufixo, quer dizer, se construído com o sujeito (onça) -- conferir macacada, boiada, etc. -- teríamos uma perfeita noção de quantidade, ou melhor, "de coleção de coisas de uma mesma espécie", mas o sujeito está oculto, então o sufixo foi apostado a VEZ, e aí a idéia é oposta: significa VEZ GRANDE, de forma a se poder caçar três onças na mesma ocasião; portanto, e para tal evento, são mesmo uma VEZADA! valorização do tamanho (que, sem dúvida, é o da mentira), ao invés da quantidade. Com esta sufixação, o autor atinge o mais alto grau de identificação com aquela linguagem de que nos fala M. Cavalcanti Proença, marcando, com ela, um contexto típico, padronizando gente, local e circunstâncias, onde a inverossimilhança é comodamente aceita sem discussões por todos, usuários comuns e cotidianos que são da mesma.

Observe-se, ainda, que nos dois últimos exemplos falta o núcleo do predicado, tendo sido omitido também o sujeito do primeiro, ausências, entretanto, irrelevantes conteudisticamente, pois toda a carga expressiva é irradiada pelo sufixo, num notável recurso de síntese linguística usado por Mário Palmério para aproximar-se da linguagem despojada e objetiva do interiorano.

Prosseguindo a análise da expressividade desta série de sufixos, sintamos, no trecho a seguir, mais uma vez, a extrema plasticidade dos mesmos:

- p. 124. "Tardinha já, hora de quentar a comida e cuidar do pouso, mas o garimpeiro resolveu palpar o cascalho, conferir as formas. Duas *pasadas* lotam a primeira peneira, a de malha mais grossa."

Sua utilização é a de um verdadeiro pronome: está por cascalho, numa metonímia de raro efeito; ao mesmo tempo que oferece uma alternativa nocional: tamanho ou quantidade? (cf. Said Ali, obra citada, p. 23f:)

"Pode o mesmo sufixo significar medida ou quantidade que comporta o objeto representado pelo termo derivante."

Como se vê pela lição do gramático, podemos estar diante do tamanho da *pã* ou da quantidade de cascalho nela contido. Optando-se pela quantidade, esta *sõ* pode ser a de cascalho, ficando demonstrada, assim, a versatilidade significativa desses pequeninos morfemas.

Para ratificar estas observações, ressaltemos seu emprego reiterativo como *símile*, na seguinte passagem:

- p. 132. "Raça [de cachorro] cada vez mais apurada, porque casadeira entre si: a pelagem ferreira com manchas escuras, que nem rato *chitado* de preto."

Cf. Aurélio "CHITA. Subst. fem. tecido ordinário de algodão, estampado a cores. ...Adj. 2. g. 3. Bras. Diz-se do vacum de pêlo branco e vermelho; *chitado*."

Percebe-se que o sufixo reitera o *símile* já expresso locucionalmente, pois corresponde a "como se fosse igual

- p. 124. "Tardinha já, hora de quentar a comida e cuidar do pouso, mas o garimpeiro resolveu palpitar o cascalho, conferir as formas. Duas *pasadas* lotam a primeira peneira, a de malha mais grossa."

Sua utilização é a de um verdadeiro pronome: está por cascalho, numa metonímia de raro efeito; ao mesmo tempo que oferece uma alternativa nocional: tamanho ou quantidade? (cf. Said Ali, obra citada, p. 238:)

"Pode o mesmo sufixo significar medida ou quantidade que comporta o objeto representado pelo termo derivante."

Como se vê pela lição do gramático, podemos estar diante do tamanho da pã ou da quantidade de cascalho nela contido. Optando-se pela quantidade, esta só pode ser a de cascalho, ficando demonstrada, assim, a versatilidade significativa desses pequeninos morfemas.

Para ratificar estas observações, ressaltamos seu emprego reiterativo como símile, na seguinte passagem:

- p. 132. "Raça [de cachorro] cada vez mais apurada, porque caseira entre si: a pelagem ferreira com manchas escuras, que nem rato *chitado* de preto."

Cf. Aurélio "CHITA. Subst. fem. tecido ordinário de algodão, estampado a cores. ...Adj. 2. g. 3. Bras. Diz-se do vacum de pêlo branco e vermelho; *chitado*."

Percebe-se que o sufixo reitera o símile já expresso locucionalmente, pois corresponde a "como se fosse igual

ao estampado da chita". A mesma comparação assimilativa ocorre na página 249:

"e dizem ainda que votou mais uma vez, de cabelo oxigenado e cortado ã escovinha, substituindo um rapazinho *alemoado* que viera trabalhar, por uns tempos, na montagem da usina elétrica de Santa Rita."

Com significação quantitativa, indicaremos alguns exemplos nos quais ficará ressaltada a pertinência do emprego deste sufixo para um maior colorido e verossimilhança do binômio usos e costumes:

- pp. 12. "Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na *novilhada* parida da vereda."
43. "Respirou, na cozinha. Um pouco mais de alegria, que o sol da manhã entrava pela porta escancarada. E a *pintalhada*, a *leitoada*, o cachorrinho paqueiro."
72. "... armando alçapão para apanhar a *filhotada* de sofrês que ele já vira."
111. "... fora na fazenda, quando assistia ã castração da *garrotada* de corte."
134. "A *caboclada* volta contente."
147. "Eu sabia de uma *novilhada* gir, trezentas e poucas vacas de primeira parição."
158. "Terminava a tiração de leite, e a *bezerrada* aos pinotes, acompanhava a procissão de vacas de cria,"
274. "... espremida na passagem apertada da corredeira, sobe a procissão da *peixada* adulta, rumo ã desova."
275. "... aparta a cabeceira da *defuntada*"
285. "*Fumarada*, catinga de suor."

- pp. 287. "Embarcados os animais de sela da *peonada* e um resto de bruacas e sacos de viagens,"
289. "... e a carga toda se despejava, varrida pela confusão: gado, *cavalhada*, gente..."

Transcrevemos esta numerosa série de trechos em virtude de um detalhe genérico que nos atilou a curiosidade. Ele não é, entretanto, exclusivo deste autor e obra, pois seu uso é generalizado. O que nos chamou a atenção foi o fato de não termos encontrado nenhum comentário especial nas gramáticas consultadas. Trata-se do seguinte:

Sempre que este sufixo ocasiona sentido de coleção, multidão, e esteja derivando substantivos, é grafado com o morfema vocálico A, na sua parte final.

Não podendo, então, considerar aquela vogal como desinência de feminino, pois que a alternância de gênero masculino/feminino só ocorre em derivantes adjetivos (cf. apaideguado, alemoado), fomos buscar a opção e a explicação no gênero neutro latino, numa reminiscência gramatical semelhante à que ocorre em substantivos não terminados por -O ou -A (cf. pente, caráter, nível, etc.).

Nossas gramáticas - talvez por irrelevância do fato - não consignam esta alternativa. Said Ali apenas aflora a questão nas páginas 238 e 239 da sua "Gramática Histórica", quando, dissertando sobre esses sufixos, diz o seguinte:

"Tem-se perdido, em parte ou de todo, - principalmente no caso dos nomes concretos - a noção da identidade morfológica de tais nomes com os par

ticípios, prevalecendo por fim o sentimento de serem derivados imediatos de verbos no infinitivo. Quer isto dizer que -ADO, -ADA, -IDO, -IDA, em vocábulo com função de substantivo, passaram a ser considerados como elementos formativos, como sufixos. Isto se efetuou sobretudo com a forma feminina -ADA, (o grifo é nosso) que até veio a aplicar-se como elemento formativo extraordinariamente fecundo, para derivar substantivos."

E Ismael de Lima Coutinho, comentando sobre a formação de palavras nas páginas 166 e 167 dos "Pontos de Gramática Histórica", relata:

"Diz-se DESINÊNCIA o elemento final da palavra, indicativo da flexão. O próprio sufixo pode já conter em si a desinência. Assim, o sufixo nominal -ICO, que entra em HISTÓRICO, encerra a desinência - O do masculino."

não fazendo nenhum outro comentário, inclusive quando, à p. 169, lista os sufixos nominais:

"-ado < -atu, -edo < -etu, -ido < -itu. Formam-se estes sufixos da terminação do participio passado -tu com a vogal temática /t dos verbos ou nomes."

Em virtude, portanto, da impossibilidade de um relacionamento genérico masculino/feminino para esta vogal, temos que considerá-la - data vênica dos "nomencladores" - como um verdadeiro "índice de quantidade", diferente de coletivos, plurais e quantidade fixada por determinativos (cf. os pentes, os ônibus,

etc), que atende, de forma altamente expressiva, àquelas tendências de grandiosidade (aqui, numéricas) e de dissolução de uma possível significação feminina (cf. preferencialmente: "castração da garrotada; gado, cavalhada, gente...") que vimos observando e analisando na linguagem da obra em causa.

Em sequência, abordaremos os sufixos -AME; -UME; -UM, de grande aproximação significativa com os que acabamos de examinar.

4.3	-AME -UME -UM	"Dá idéia de "coleção" (<u>vasilhame</u> , <u>cordame</u> , <u>velame</u> , <u>cardume</u>), de "intensidade" (<u>negrume</u> , <u>azedume</u>). Forma substantivos."(25)
-----	---------------------	---

Estas são as formas que constam de G.C.M., Sousa da Silveira, Said Ali e I. de Lima Coutinho. Celso Cunha arrola uma variante -AMA, deixando, entretanto, de indicar as formas -UME e -UM.(26)

Como veremos pelos abundantes exemplos colhidos, (os sufixos -AMA e -ÃO representam cerca de 80% do nosso levantamento) fica mais uma vez patenteada, pela linguagem, a ausência de limites e contornos dimensionais e quantitativos, própria à simbiose Homem x Cerrado.

As vastidões e "lonjuras" desconhecem metro, dezenas, alturas e cercas; é tudo "pra lâ de mil alqueirões." O homem dos confins não mede: estima. É grandioso e largo como a terra

(25) - ob. cit. p. 102

(26) - em, Gramática da Língua Portuguesa, 2a. ed., p. 112

de seu uso, e conciso pela própria natureza. Como, então, significar este ser contrastante cheio de valentia e medo; pescador habilidoso e astuto "caçador", "dono de toda a largura e comprideza" das estradas daquele "mundão largado de não acabar mais", desatre-lado tagarela com os locais e taciturno com o forasteiro? Como, se não pela linguagem? É isto que faz Mário Palmério, e daí decorre, em nossa opinião, o maior mérito deste autor: ter dimensionado o indimensionável sertanejo, quando, foi buscar nas raízes da língua toda a fecundidade expressiva que emana dos sufixos e as potencialidades dos mesmos para a caracterização da raça e do meio que objetivava.

"Essencialmente vivo e expressivo, o sufixo não tem realmente acesso à linguagem dos discursos, nem à fraseologia jornalística. Extremamente forte e por vezes rude, é desconhecido, tanto pela poesia como pela prosa poética. É daqueles que criam um ambiente particular, ambiente sugerido pelo seu próprio som, e onde não cabe geralmente uma afectividade feita de delicadeza ou de ternura." (27)

Nesta série, surpreenderemos, mais uma vez, aquela "função quantitativa" da variante A (que, parece, também foi sentida por Celso Cunha, pois, como vimos, ele a arrola ao lado da forma com a vogal E) e sua importância expressiva - a exemplo do sufixo -ADA - para o sem-limites do sertão.

(27) - Maria Manuela Moreno de Oliveira, "Processos de intensificação no português contemporâneo", parte II, cap. XII, O Sufixo Aumentativo.

Na área de bichos - de caça e pesca e domés-
ticos - M. Palmério joga com os sufixos perdulariamente, e em tal
profusão, que sentimos, tanto n'água como em terra, a sensação de
abundância, de desperdício, como numa desforra ao inóspito e agres-
te do solo:

pp. 18. "-Bicho caiu no rio, seu doutor, o caboclo-d'água só faz
desta: mete o dedo na boca, dá o assobio, e ajunta a
piranhama - ele é uma espécie de madrinha delas..."

29. "Vamos direito para lá, ou o senhor quer dar uns tiros
na *jacarezama*? Tem um casal deles morando na prainha do
esgoto. Dois manatas!"

123. "Raimundão voltou com a turma. Roçou a capoeira e fincou
a rancharia. E soltou a *tatusama* - um zaré!"

146. "Você não veio aqui atrás da *novilhama*. O que você está
querendo é a bestinha fumaça que viu pastando no gordura
de perto da porteira."

(cf. p. 147 - "Eu sabia de uma *novilhada* gir, trezentas
e poucas vacas de primeira parição.")

191. "Mas ficou nisso o começo da história: a *urubuzama* arran-
chada no pau."

257. "Os figos, miudinhos e doces, cevavam a *lambarizama* e a
miuçalha dos parentes e contraparentes."

273. "Novidadeiro que só, espalhou a notícia:
-A *peixama* enriqueirou na lagoa do Seu Mundo. Está as-
sim de garça e jaburu!"

(cf. p. 274 "espremida na passagem apertada da corredei-
ra, sobe a procissão da *peixada* adulta, ru-
mo à desova.")

e, na mesma página, o utensílio de pesca:

"No sondeiro, a *anzolama* encastoa-se
em fieira;"

- p. 286. "Quantas cabeças, Seu Nequinha?
- Quatrocentas, afora a tropa e a *zebuama*. Deixei o resto empastado no Boi solto."

(cf. p. 295 - "...E o Seu Nequinha Capador? Tanto luxo com a *zebuzada*"

A seguir, vemos o sufixo enfatizar intencionalmente os vocábulos com um colorido irônico e galhofeiro, numa perfeita concepção do abstrato da massa:

- pp. 144. "Um belo dia, chegou a *paulistama* e a *nortistama* - e num instante virou tudo cidade."
156. "Jã lembrava nomes de possíveis vereadores, se incumbia de visitas ao pessoal da vizinhança, ia, inclusive, tentar convencer o Bento Correia a se candidatar, que a *Correiamama* precisava de um representante na Câmara Municipal da Vila dos Confins."
284. "A hora é dessas em que não faltam os entendidos:
-Deixa chegar nas Marias...
-Escute: estão entrando na *Joãozama*...Eles vão ver o estrago mas é agora!"

Além desses - singularmente expressivos - há ainda, neste campo de pluralidade difusa:

- pp. 15/16. "Jorge Turco sô se ocupa com o manso ramerrão da magra freguesia da Vila e com os fiados à esparsa *fazendeirama* do sertão."
142. "-via-se pela roupa, pelo casarão bem-acabado e de telha francesa, pela *curralama* aparelhada, de madeira de lei, e pelo gado de bom sangue zebu que já se reunia no malhadouro frente ao curral grande."
285. "Duro, aquilo! Espicha-encolhe agoniante deveria ter sido a apuração em Santa Rita. Meses e meses de luta... a *dinheirama* gasta..."

pp. 290. "Outro que veio de longe, trazido pelas boiadas, esse unzinho: por debaixo da areia do chão, a *raizama* entrançada em grossa lenha, mas por cima a galanteza das folhinhas redondas e envernizadas."

292. "Desenferrujaram-se, as pernas do bando acocorado a esticar o negócio da eguinha de bicheira no rabo. Espigou-se a *caboclama* num pulo só; e até o Eduardão se empertigou ante o novo freguês aparecido tão de repente:"

(cf. p. 255 - "Sessenta e quatro! E tudo *caboclada* de chapéu quebrado na testa, gente de confiança.")

Entremos, agora, na série sufixal mais numerosa e, a nosso ver, a mais tipificante de todas. Examinaremos a expressividade decorrente do uso do sufixo -ÃO (e variantes) para o delineamento e valorização da linguagem daquela "gente barbuda e secarrona da Vila dos Confins."

O seu emprego nocional é de tal forma diversificado nesta obra, que iremos tecendo os comentários gramaticais e as observações sobre a expressividade atingida praticamente após cada ocorrência.

Mas antes, e consoante o critério de exposição que estamos seguindo, vejamos como está exposto em Gladstone Chaves de Melo:

4.4	-ÃO	"Forma aumentativos: (<u>salão</u> , <u>meninão</u> , <u>bonitão</u>)
	-ÃO	Forma adjetivos designativos de qualidade ou origem (<u>comarcão</u> , <u>alentejão</u> , <u>sergipano</u> , <u>paraibano</u>), indica "relação" ou "pertinência" (<u>republicano</u> , <u>camoniano</u>), com grande vitalidade nesta acepção." (28)
	-ANO	

Said Ali, para a significação aumentativa, estende-se um pouco mais:

"Diz-se que está na forma aumentativa todo o nome (substantivo ou adjetivo) marcado de certa terminação por meio da qual se denota ir extraordinariamente além do comum a noção expressa pelo radical.

...

Do aumento exagerado ao ridículo não é grande a distância; e assim se usam por ironia *valentão, sabichão, santarão*

...

Alguns aumentativos designam atos violentos: *empurrão, bofetão, ...*

...

Francamente depreciativos são *comilão, beberrão, ...*" (29)

A noção, portanto, que vai "extraordinariamente além do comum", desencadeada por este sufixo é, como vimos, para este notável filólogo, potencialmente pejorativa na maioria das vezes: "aumento exagerado ... Francamente depreciativos... designam atos violentos...". À página seguinte, arremata:

"Os diminutivos, além disso, têm fácil acesso à linguagem elevada, ao passo que os aumentativos se usam antes no estilo cômico, na prosa facêta e na linguagem familiar." (30)

(29) - ob. cit. p. 56

(30) - "comparada com a derivação diminutiva, caracteriza-se a derivação aumentativa pela maior variedade de formas, mas ao mesmo tempo pela sua extraordinária deficiência" (o grifo é nosso) - ob. cit. p. 57.

Mattoso Câmara também não lhe salvaguarda melhor destino semântico:

"O mais das vezes, porém, a essa denotação (aumento de dimensões) se acrescenta uma conotação de - a) disformidade pelo tamanho... b) brutalidade... c) falta de medida... d) nosso desprezo..." (31);

e, ainda,

"A formação aumentativa não corresponde à dos diminutivos em frequência e valor funcional. É um tanto esporádica e frisa sempre uma intenção fortemente pejorativa, podendo-se dizer que é exclusivamente um recurso para a linguagem afetiva (insultuosa)." (32)

Assim está, pois, colocado o assunto por estes dois excelsos mestres, que optaram por exemplificar apenas a contraparte "negativa" do sufixo. Entretanto, vamos surpreendê-lo, ao nível estilístico do romance, matizando um aspecto, digamos, positivo-enobrecedor, apesar de estarmos conscientes, com Maria Manuela Moreno de Oliveira, de que

"Longe, portanto, de ser um processo superlativante utilizável em qualquer

(31) - em "Dicionário de filologia e gramática", 2a. ed. p.60, verbete AUMENTATIVOS.

(32) - em "História e estrutura da língua portuguesa", 2a. ed. p. 225.

nível estilístico, as suas características de força, tom cômico, vivacidade, fazem-me empregar na linguagem familiar, e ser cuidadosamente manejado pelos autores modernos, pois tal como pode ser muito sugestivo em determinação do contexto, pode também destoar violentamente noutro." (33)

Nos exemplos a seguir, veremos que a sua inclusão, sobre figurar na expressão "caipira", revestirá a palavra de um significado nobre e elevado:

- p. 10. "Mutirão de mulher costurando e bordando, quando o mascate chegou à fazenda da Terra Preta. *Pessoa*, o Seu Chagas: - Bote tudo na mesa, Xixi."

Vê-se, claramente, a sublevação do aspecto moral imprimida pelo sufixo. O tamanho não é o físico, mas o moral. Na consciência do personagem Xixi Piriã, o elogio foi elaborado a partir do respeito e admiração que sente pelo "Seu" Chagas, aspecto que se fundamenta, ainda, pela inclusão do artigo, definidor e valorizativo, "o" (Seu Chagas), como que numa reiteração do sentido já expresso pelo sufixo.

Creemos, pois, que está muito além de qualquer significação irônica, pejorativa, ou mesmo servil.

Esta mesma observação é válida para o trecho da p. 21:

(33) - "Processos de Intensificação no Português Contemporâneo", - publ. do Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1962, pp. 74/75.

"-Ande, levante-se, que a turma está toda na venda: o Antero, o Tinoco, o Nenzinho... Está aí um peçoalão".

Note-se que, desta feita, o sufixo matiza um duplo aspecto: o de muitas pessoas e pessoas importantes.

E numa espécie de ratificação confrontual, pela ausência da noção que chamamos de enobrecedora, vejamos o mesmo exemplo no trecho da p. 98:

"E foguete e banda de música entusias-
mam tanto que, quando o povo deu fé,
todo aquele peçoalão tinha andado pa-
ra mais de duas léguas na boiadeira
de São Pedro de Uberabinha, e estava
chegando à fazenda Caçu, enchendo os
currais do Coronel Antônio Borges de
Araújo."

em que já não temos o mesmo sentido de importância renomada, mas o de mera quantidade de pessoas: gente, povo anônimo, turba, valendo apenas como reiteração da quantidade.

Com estes exemplos podemos, pois, confirmar, desde já, a extraordinária flexibilidade nocional externa que estes sufixos derivacionais possuem, magnificamente aproveitada por Mário Palmério, não só como recurso linguístico de notável efeito estilístico-semântico mas também como meio de evitar desnecessários e enfraquecedores torneios de linguagem.

Mas, continuemos.

Inegavelmente, a Natureza, com os termos que a identificam, é o grande pólo irradiador de uma terminologia passível de conotações que são caracterizadoras de ambientes; e é is-

to que vamos surpreender e confirmar nas passagens que se seguem:

- pp. 18. "-Ué, seu doutor, vai esperar o *chuviscão* aí fora? Vi o catre vazio e vim logo no seu rasto..."
 "-*Chuvão* na certa, e não demora...Graças a Deus!"
20. "Beleza mesmo, João Soares: há muito tempo que não vejo um *pé-d'água* assim..."
30. "-Estamos perto, Dr. Paulo...Ixe, olhe as matrinxãs: vigie a abrigação da água que estão apresentando! Isso é fi go que rodou no enxorro...*Noitão*, hoje - ainda mais com essa chuvinha maneira, sem um vento..."

Observando os três primeiros exemplos, podemos sentir a perfeita gradação de um temporal que se avizinha e desaba finalmente. Sensação que foi arquitetada através da derivação que o mesmo sufixo, agora como potente intensificador, traz à noção dos lexemas.

CHUVISCO é chuva miúda, vasqueira, mas o morfema derivacional lhe dá uma nova significação externa, um sentido quase que oposto, criando um início de ação já grandioso e absolutamente original, ação que irá eclodir no substantivo PÉ-D'ÁGUA, também levado pelo sufixo a extremas culminâncias.

Assim devem ser os aguaceiros dos Confins: já começam exagerados e terminam diluvianos. Tal fato não passou despercebido ao cronista, pois que, até à fala do personagem citado, (Dr. Paulo) faz corresponder uma linguagem aproximativa, numa concessão semântico-hiperbólica própria dos naturais. (cf. pé-d'água).

Em NOITÃO, o sufixo vai além da mera expectativa gramatical, englobando múltipla significação:

- que é uma noite especial;
- que é a melhor noite, e
- que é uma noite em que tudo dará certo.

Em nenhum momento, tem-se a noção primeira que o sufixo normalmente acarretaria: o de uma noite grande, imensa, mas, sim, a de um verdadeiro adjetivo para a própria palavra noite, como se fosse NOITE NOITÃO!

Mas ratifiquemos, em mais alguns trechos, como o autor "preenche" os espaços dos Confins - "mundão largado de não acabar mais":

- pp. 53. "-Severino do tronco do Tio Honório! O velho esparramou um *familião*, lá na mata da Gongá. Sim, senhora, prima Alzira, você é próxima."
98. "E tudo correu, daí por diante, de acordo com o desejado pelo peitudo Coronel Borges, que tivera a coragem de dar quatro contos de réis por um bezerro, numa época de bom dinheiro, em que uma nota de duzentos media um palmo de tamanho e sustentava um *familião* durante um ano, e tu do vivendo vida de lorde, na mais abençoada das farturas."
58. "*Povão* na cozinha, até menino dava de empurrar a porta do quarto, vir olhar para dentro..."

Simples adjetivos como grande, numerosa, não se ajustariam à miscigenação nem à fina ironia daquele "prima Alzira, você é próxima". Com o sufixo, entretanto, essa dupla significação foi atingida de forma soberba e precisa, conotando, sociologicamente até, o entrecruzamento e a descaracterização genealógica, numa sutil semelhança com a liberdade proliferativa das boiadas.

Em termo coletado diretamente da língua oral, o sufixo ressalta a aparência física do sertanejo, numa cono-

tação tão válida plasticamente quanto aquela que sentimos ao contemplar o "Plantador de Café" de Portinari:

p. 63. "-Me dá licença, Seu João." E pega no *mãozão* cascudo, pesado tal um caminhão de tora."

Se não há enobrecimento semântico, tampouco se degrada o termo sufixado; há, até, um certo lirismo eivado de simpatia por aquela mão campesina e rude, tentando ofício tão diverso do seu. Mas, poderão objetar: a simpatia que se sente não emanava apenas do sufixo empregado, antes é provocada por toda a situação contextual, caracterizada que está por inúmeros outros vocábulos irradiadores de conotação aliciadora! Concordaremos. Entretanto, não se pode falar em noção, sentido, conotação, se não tivermos a palavra inserida num contexto. Como examinar-lhe o "sentido", dicionarizada? Para se comentar expressividade, precisamos não só da Língua, mas, principalmente, da Linguagem, que é a sua substância. Portanto, o sufixo, nestes termos, é um elemento enternecedor da palavra.

Finalizando:

pp. 295/296. "...O chicote balançava também, dependurado do punho direito. Era canhoto, o miserável, e lá estava a mão esquerda livre, a menos de um palmo da abertura do paletó de casimira e do cabo de madreperla do ximitão 44."

Abrasileiramento aumentativo da marca industrial estrangeira, Schmitd & Wesson, com duplo sentido: o de atemorizar pelo tamanho e pela excelência da marca.

Concluindo nossos comentários acerca dos exemplos mais expressivos do sufixo *-ÃO* neste livro, selecionamos um trecho amplo e bastante significativo, em que o autor volta a se valer do mesmo recurso estilístico da gradação, já comentado linhas atrás. Desta vez, contudo, a gradação é elaborada em sentido inverso, quer dizer, provocando uma aparente síncope (eliminação do sufixo *-EIRO*) em *VOZEIRÃO*, o autor atinge a forma *VOZÃO*, depois de passar pelo sintagma locucional *VOZ DE TROVOADA*. O objetivo, parece, teria sido o de atenuar o impacto inicial, pela gradação regressiva dos sintagmas lexical e locucional:

p. 166. "O *vozeirão* agradou ao Chico Belo, acostumado a lidar com boi e gente macha:

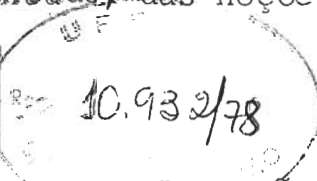
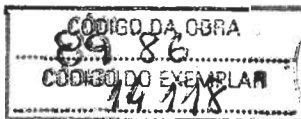
-Nobre deputado...

Voz de trovoada, tipão de sujeito. Gordo, alto, careca lustrosa, mãos cabeludas, grandonas - mãos de rachador de lenha. Chico Belo foi logo com o Secretário. Era dos seus.

...

O *vozão* grosso e o sorriso dirigiam-se a ele:"

Referentemente ao sufixo *-ARIA*, já não foi o romancista tão pródigo, tendo sido afetados expressivamente apenas alguns poucos vocábulos, sem desvio, contudo, das noções usuais e corriqueiras que possuem.



4.5 -ARIA

"Forma substantivos. Indica "coleção (*casaria, fradaria, gritaria, fuzilaria, frascaria, livraria, cavalaria, pradaria*), "ramo de negócio, lugar de exercer a profissão" (*tinturaria, padaria, ourivesaria, drogaria, marcenaria, confeitaria*), "atos próprios de certos indivíduos" (*galantaria, sovinaria, velhacaria, patifaria, pirataria*)."

(34)

Rêssalte-se, todavia, o serviço que o morfe ma presta no exemplo *PEIXARIA* em que, com seu uso, evitou-se a repetição de derivações já empregadas (cf. *peixama*, *peixada*), mantendo-se, porém, a mesma noção quantitativa:

- p. 273. "O rio desincha, pegando de traição a *peixaria* desprevenida que ficou pastando o capim das vargens."

Singulares pelo inusitado do sintagma, e com a mesma significação político-motejadora apontada em *Joãosama* e *Correiasama*, diverte-se M. Palmério sufixando os patronímicos BELO e ROCHA e a ordem alfabética do eleitorado ignorante:

- pp. 227. "As respostas do Ministro e do Governador deram-lhe, porém, novo alento. Força federal e novo delegado militar: demonstração de que a *Belaria* e a *Rocharia* tinham perdido mesmo o prestígio."
284. "Desbronco vai ser quando começarem a pingar os éles. A *elaria* é toda nossa: o Leonardo, o Leodoro, o Limírio da Da. Inácia..."

Chamou especialmente a nossa atenção a força coercitiva da forma -ARIA, em detrimento de -ERIA, neste último exemplo, em que o vocábulo já tem normalmente a vogal final -E (cf. ELE, ELARIA), possivelmente pelo desuso desta variante, sobreexistente apenas em alguns poucos vocábulos como GALERIA, PEDANTERIA, e em linguagem arcaizada e preciosa (cf. infanteria, cavalaria, artilharia).

Infenso a toda esta riqueza não ficou M. Palmério, sobretudo porque precisava manter a coerência localizadora do registro. Por isso adjetiva, e "cria" profissões, e dá nova roupagem a outras, penetrando naquela saborosa, lógica e solta linguagem, fruição inenarrável do forasteiro citadino.

As raízes da língua parece que lá estão intocadas, puras e autênticas.

Despojada do academicismo de punho rendado e da vacuidade prolixa e reiterativa dos salões urbanos, a sintética linguagem sertaneja não carece, para sua expressão, senão da própria substância significativa da língua e de sua maleabilidade flexional e derivativa.

Por este motivo é que gostamos tanto de ouvir o sertanejo contando suas estórias de pescarias, caçadas, e do modo como descreve seus cataclismos e assombrações.

Sua expressão não tem novidades, pois o sistema não é violentado; a originalidade está na arrumação dos componentes, na disposição das peças no tabuleiro.

Vamos, então, mais uma vez, surpreender os lances desses hábeis jogadores: iniciemos com três exemplos, em que se depreende, do sintagma radical mais sufixo, um sentido de posição, ou localização.

p. 101. "-tudo dentro da regra para uma boiada de mil cabeças: no gado, dezesseis homens, do dianteiro ao toca-fila... Olhe, aquele é o *culatreiro*, aquele mulato ali..."

Observe-se que se fosse usado o termo comum TRASEIRO (cf. dianteiro, vanguardeiro, derradeiro, ponteiro, etc...),

4.6 -EDO

"Forma substantivos, com idéia de "coletivo", lugar onde abunda qualquer coisa" (*arvoredo, vinhedo, figueiredo, olivedo*). Designa também objeto isolado, de grande porte (*rochedo, penedo*)."(35)

Do uso sufixal de -EDO releva notar a função adjetiva que ocasiona, na oportunidade em que aparece expressivamente, com a conseqüente variação nocional:

O trecho refere o artifício usado pelo *carboclo*, que "planeja" amarrar duas antas à proa de um barco, à guisa de animal aquático de tração:

- p. 42. "-Uai, doutor! E não é que com um motor desses, duas antas boas, em vez de capivara, até que dava mesmo um resultado *bicharedo*?"

4.7 -EIRO

"É a forma vernácula de -ariu. Tem as mesmas acepções (*sapateiro, vendeiro, leiteiro, carroceiro*), sendo extremamente produtivo nesse sentido de caracterizar indivíduos pela sua profissão. Forma também adjetivos (*grosseiro, dianteiro, fronteiro, certeiro, costeiro, passageiro*)."(36)

Morfema irradiador de múltipla e variada significação para o vocábulo que deriva.

Said Ali concede-lhe nada menos que três alentadas e substanciais páginas, examinando-lhe, com a habitual percuciência, sua extrema utilidade significativa.

(35) - ob. cit. p. 104

(36) - ob. cit. p. 104

a idéia, além de pejorativa, não teria a mesma força expressiva da aquela combinação; é como se, posicionando os dois vocábulos, tivéssemos CULATREIRO mais à retaguarda do que TRASEIRO.

Com a mesma noção posicional ocorrem:

- pp. 273. "Vem outra coisa. Se tem nome de batismo, ninguém sabe. Casou-se com a Rosa do Seu Raimundo e virou Dico da Rosinha, *moreiro* no Capão do Ingã."
274. "Raça de pescador parece raça de lambari: acaba mais não. Espinhel, rede de malhar e de arrastão, tarrafa, rede de estiva: ferramenta de gente ambicioneira, que não se contenta com pouco. Fisga, zagaia, flecha, facão: tralha dos valdevinos, de povo *cachoeireiro*."

A formação de adjetivos é realizada sem novidades, servindo, entretanto, para caracterizar um linguajar localizado, pachorrento e conservador:

- pp. 106. "Paulo ficaria conversando com Maria da Penha o resto da noite. Mais bonita ela lhe aparecia, agora, à luz *sonseira* do lampião."
134. "O enxadão é do fino - gostosura para cortar chão e furar armadilha de buraco. A foice, *trenheira* beleza para render serviço de pari."
232. "Mas Pereirinha envelhecera. Poderia substituí-lo o Dr. Osmírio, recém-formado, advogado novo mas já *treteiro*, fiel à escola do pai."

4.8 -ENTA
-ENTO

"Forma adjetivos, significando "agente" (*barulhento, poeirento*), "abundância" (*sedento, peçonhento*), "semelhante" (*amarelento, cinzento*)."(37)

Ao lado de exemplos como VAGARENTE (por var-
garosa),

p. 196. "*Vagarenta* como carro de boi, a camioneta varava aquele lagoão."

em que a preferência pelo sufixo deveu-se à noção de semelhança que o mesmo traz (cf. amarelento, cinzento), mais consoante com a comparação feita no trecho, aparece a formação CHANHENTA:

p. 112. "E prosperando o dono e ajudando a despertar inveja, que era bonita e *chanhenta* de fato, a tal boiada!"

não constante dos dicionários consultados.

Ivan Cavalcanti Proença (38) dá-lhe os sentidos de atraente, elegante, dengosa. Entretanto, o que importa considerar mesmo é a beleza expressiva do conjunto fônico, perfeitamente normal com a nossa tendência linguística à palatalização e com a tendência geral de "criação" de sinais motivados.

4.9 -EZ
 -EZA

"Forma substantivos abstratos, derivados de adjetivo (altivez, palidez, surdez, avareza, pobreza, riqueza, tristeza, beleza)."(39)

(38) - "Mário Palmério - Seleta", Rio, Liv. José Olímpio Editora, 1974, página 41.

(39) - ob. cit. p. 105.

De maneira surpreendente para um linguajar reconhecidamente conservador, não são muitos os vocábulos - expresivamente considerando - afetados por este sufixo(40). Porém, os que o são, denotam uma dupla característica conservadora: o mais antigo sufixo da língua derivando radicais de importação estrangeira (já desusados nos grandes centros):

- pp. 10. "-De bico, entremeio, croché. Renda do Norte, tira bordada, racine, milão..." "-Hum, que *chiqueza!*"
290. "Outro que veio de longe, trazido pelas boiadas, esse unzinho: por debaixo da areia do chão, a raizama entrançada em grossa lenha, mas por cima a *galanteza* das folhinhas redondas e envernizadas."
291. "A mesma elegância na roupinha de brim amarelo, "vincada a ferro", a mesma *chiqueza* no lenço do bolsinho do jaquetão..."

Em contrapartida, o vemos acoplado ao popularíssimo e ancestral *BRABO* (pela forma literária *BRAVO*), do lat. *BARBARU-*:

- p. 295. "Quase morrera o santo do padre, mas salvara o Totonho, e ainda nadara até ao meio do rio para recolher o Seu Aurélio carregado pela *brabeza* da cheia..."

4.10 -ISTA

"Forma adjetivos, indicando "aquele que pratica ou segue algum sistema ou doutrina" (*budista, calvinista, comunista, socialista, simbolista, modernista*); ou "que exerce alguma função relacionada com o objeto" (*pianista, flautista, jornalista, estadista, seminarista, acionista, romancista*)."(41)

(40) - "Said Ali, ob. cit. pág. 233. "Filiam-se ao latim -ITIA,-ITIE, sendo de notar que a alteração em -EZ,-EZA denuncia serem estas as formas populares mais antigas do idioma."

(41) - ob. cit. p. 106

Os exemplos mais expressivos são aqueles em que ocorre um intencional cruzamento (ou acumulação) das duas noções, num aproveitamento irônico do desgaste que estes sufixos já sofreram nas lutas políticas das grandes metrópoles:

pp. 253. "Dr. Bernardino, Pereirinha e a sua escolada equipe de cabos... Gente do outro lado, também: quase que a lista inteira de candidatos *soaristas* e *belistas*."

293. "Da. Teresa também ia festejar a vitória... Que exemplo ia dar àqueles *joão-soaristas* da venda!"

(cf. João Soares e Chico Belo)

4.11 -OR

"Forma substantivos abstratos, indicando "qualidade" (*alvor, sabor, fragor*)."(42)

Para nosso comentário, optaremos, desta vez, pela fundamentação de Said Ali, que nos pareceu mais próxima do sentido que o exemplo arrolado possui:

Relata o mestre:

"Em português, observamos que, juntan^{do} do -OR ou -URA a temas de participi^o do pretérito, obtêm-se respectivamente nomes de agente (o grifo é nosso) e nomes de ação...

Em geral há maior facilidade para a formação dos nomes de agente que para a dos nomes de ação,..."(43)

Vejamos o exemplo de Vila dos Confins:

(42) - ob. cit. p. 107

(43) - ob. cit. p. 237

- p. 99. "-E a produção do Lontra, Nequinha, foi toda ela boa, de fato?
-Especial. RAÇADOR assim, nunca vi. Tudo o que era bezerro dele puxava o mesmo tipo - cor de nuvem, umbigo fino e leve, chifre pequeno, lombo comprido e reto. Culote elegante, pernas em pé, o cupim de careta-de-caju..."

É fora de dúvida que temos aqui um agente, um autêntico pólo irradiador de qualidade, em que o efeito sufixal vai atingir, expressar e localizar uma importante necessidade social e econômica.

4.12 -OSO

"Forma adjetivos, com idéia de "abundância" (saudoso, bondoso, zeloso, caprichoso, anguloso, sulfuroso, noticioso, montanhoso, arenoso, leitoso)." (44)

Série tão numerosa quanto expressiva é a do uso deste sufixo no romance. Não se afasta, contudo, da noção geral de "abundância". O que releva considerar é estar o sufixo derivando noções adjetivas já consagradas por outros afixos (cf. palpiteiro, ensombrada, lamacento, enlameado):

- pp. 123. "Buracão de cata-d'água - cisterna de dez braças de roda e quase cinco de fundura. Que mais fosse! No picuã de canela-de-ema as cinco pedrinhas chocalhavam um palpitoso fim,..."
256. "E brotara e crescera: e virara árvore corpulenta e sombrosa."
259. "E no fundo? Ah, no fundo! Lá estão eles, os peixes de couro, grandalhões e bigodudos: mandijubas e cascudões; pacamaos, feiosos e sempre taciturnos; surubins, abotoados, jaús. Preferem o chão lamoso, contentando-se com as sobras do banquete."

Em LÓDOSO, página 278, já não vislumbramos a mesma noção quantitativa, parecendo-nos mais procedência, origem:

"Sim, tinha razão o Rufino. Que graça poderia ter a luta brutal de um peixe *lodoso*, feio, empacando como última reação nas locas das profundas do rio?"

(cf. chão de lama; peixe do lodo).

À página 141, a sufixação é empregada por um nítido efeito de concordância, pois o autor - prefigurando aquela tendência masculinizante, já ressaltada ao longo das nossas observações - flexionou singularmente o adjetivo SEM-VERGONHA (normalmente de dois gêneros, mas com determinadores). Acrescente-se, ainda, que a criação do derivado FRESCOSO, pode ser devida ao propósito de evitar a ocorrência isolada dos termos FRESCO e FRESCURA, de significação pejorativa:

pp. 141. "Arreei a mula, botei o pinheiro-machado por debaixo da camisa e toquei para o rancho do desaforado. Era hora de sol quente, e o bicho estava dentro de casa, no bem-bom, todo *sem-vergonho* e *frescoso*..."

4.13 -UDO

"Forma adjetivos, com idéia de "provisto de" (*pontudo, bicudo, sisudo, peludo, orelhudo, cabeçudo, cabeludo, bochechudo, repolhudo, façalhudo*)."(45)

A expressividade deste sufixo encontra, nesta obra, o seu mais ideal agasalho, pois a realidade contextual exi

ge que homens, animais e coisas estejam sempre providos de algo que os habilite na luta contra o inimigo comum: a natureza inóspita.

Sua área de significação, por isso mesmo, se amplia, e vai incidir, fundamentalmente, sobre as noções de massa e forma dos vocábulo que deriva, extrapolando a simplicidade de estar o ser ou a coisa apenas "provido de".

pp. 42/43. "...Vira aquele crioulinho engatinhando - barrigudinho, porqueira de leitãozinho chorão...Espigado, agora, o moleque! *Forçado*, manobrando a balsa quase sozinho, expedido ali naquele serviço de desatolar a camioneta..."

245. "Mão *forçada* e no entanto incapaz de segurar a caneta, a não ser com os cinco dedos convocados para a tarefa mal aprendida."

À página 83, sente-se melhor ainda aquele "máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua." (46):

p. 83. "Turma escolhida, a que seguiu com o padre na batida da onça-preta: Crispim, Cearense, Pai-d'Égua - um garimpeirão grandalhão e *corajudo* - e mais o Domingos, rapaz novo mas disposto, com quem o padre simpatizara por causa do seu jeito decidido."

CORAJOSO não ficaria bem, ao lado de garimpeirão e grandalhão. Era preciso um termo mais forte no sentido físico, concreto, e não no sentido de virtude moral. O sufixo escolhido adjetiva melhor um personagem meteórico, sem influências an-

(46) - Silvio Elia, "Orientações da linguística moderna, 1955, p.65"

teriores ou posteriores, que teria de ser delineado de uma vez só; indivíduo próprio para "pegar onça ã unha".

As coisas ficam, também, revestidas pela mesma e avantajadora significação:

- pp. 104. "Na terra batida em derredor dos ranchos vazios nasce o infalível pé de cabaça - rasteiro, *folhudo*, feliz."
(cf. *folhoso*, no exemplo abaixo)
213. "a ramagem tomou conta do caminho, que o pau era esgarlhado, *copudo*, e vinha vestido do folhoso cipô-de-são-joão."
256. "E brotara e crescera: e virara árvore corpulenta e sombrosa, pernalonga e *ramalhuda*, ensinando ao canoeiro on de abicar o bote e encher o cabação de água fresca."

4.14 -URA "Forma substantivos, com idéia de "resultado da ação" (*tintura, mordedura, travessura, escritura, semeadura, atadura*)."(47)

 -DURA

 -TURA

Apenas para confirmar aquela tendência linguístico-conservadora, existente nas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, examinemos, mais uma vez, como Mário Palmério localiza a sua "Vila dos Confins", quando lança mão de dois termos cristalizados, em que - até aí - a própria participação sufixal já se diluiu, incorporando-se em vocábulo único:

- pp. 270. "Não ficou um sem votar. Houve alguns, que eu sei, mandados buscar de automóvel em *lonjuras* de mais de vinte léguas."

(47) - ob. cit. p. 107

279. "Dezembro entrava farto em águas, mantendo a mesma cadência dos fins de outubro e de todo o mês de novembro. As chuvas compensavam de sobejo as *tristuras* da seca braba."

Subsidiando estas considerações, fiquemos, ainda, com Said Ali:

"A sobrevivência, na linguagem popular, de nomes em -URA, perdida a relação associativa que tinham com certos verbos latinos, emprestou ao elemento formativo novo aspecto, habilitando-o para juntar-se também a adjetivos. Assim é que já nos primeiros tempos da língua portuguesa havia substantivos em -URA derivados de adjetivos, aos quais pouco a pouco se foram juntando outros muitos: longura, largura, branca, grandura, negrura, grossura, formosura, etc.

Alguns dos nomes em -URA existentes em português antigo cederam o lugar a outras formações. Tais são: *tristura* (Livro de Esopo 54; Virt. Benf. 93; Gil Vicente 3, 24) a par de *tristeza* (S. Josafate 12, 19, 20; D. Duarte, Leal Cons. 55, 77) ..." (48)

Complementando este trabalho, em que intentamos esboçar a expressividade sufixal do romance "VILA DOS CONFINS", de Mário Palmério, não poderíamos nos furtar ao prazer estético de assinalar mais algumas "criações" nominais e verbais do autor, pois que elas plasman de forma igualmente expressiva a propriedade e simplicidade do linguajar sertanejo na nomeação das coisas e dos seus movimentos.

(48) - ob. cit. pp. 237-238.

A primeira "novidade" que se apresenta na área nominal é, para nós urbanos, o uso não pejorativo do adjetivo LEVIANA:

pp. 105/6. "E o garimpeiro vai mudando de ponto. ...E sobe o rio, e vai deflorar novas barras, novas cabeceiras, novas águas do sertão. Não olha para trás, não sente saudades, não deixa nem carrega consigo amor nenhum. Viaja escoteiro, que a tralha é *leviana* e a esperança ele a carrega amoitada no coração."

Significação de uso popular já arcaizada, sem nenhum trânsito na linguagem citadina; *leviana*, aqui, se reporta diretamente à importação espanhola, cujo sentido é de "leve", muito distante, pois, da interpretação pouco nobre que conhecemos.

(observe-se, ainda neste trecho, o vocábulo *escoteiro*, empregado em seu mais antigo significado de "sô", "de sacompanhado").

Em NERVOSIAS, parece ter querido o autor minimizar o aparato psicológico que o termo sufixado denotaria (cf. nervosismo), pois precisava apenas caracterizar o açodamento do personagem em busca de melhores pesqueiros:

p. 34. "Até que a turma resolveu, e a pescaria foi marcada para o rio Urucanã. Quatro dias de caminhão, e em que estrada! Valera, porém, a pena: peixe por demais! Menos dourado - e daí as *nervosias* do Rufino, a loucura para chegar à tal barra do Pretinho tão falada pelo Zé Garricha..."

As ações são também estereotipadas pela "criação" de verbos próprios ao "habitat":

pp. 107. "-O Xixi foi se deitar, Seu Sebastião? A noite está uma beleza de clara e me deu vontade de *bagrear* um pouco no corquinho."

133. "No poço de cima, mora o compadre, que a essas horas *bagreia* infalível também."

E para finalizar, apenas mais um exemplo, dentre os inúmeros que ainda poderíamos fruir nesta saborosa literatura de Mário Palmério:

pp. 283/4. "-Para prefeito municipal...
Palmas. Calorosas, umas; desenhadas e por obrigação, outras. E os comentários:
- Falou a verdade. Uma não falha, não. O primeiro que sai... Vai deste jeito até ao fim.
-Está frito, o coitado! *Primeirou*, morreu..."

Em "primeirou", tornamos à infância, àquele terno e simplificado jeito que têm as crianças de evitar construções longas e uso de flexões verbais "difíceis" para elas. Ao invés de "veio em primeiro lugar", diriam, sem dúvida nenhuma: primeirou, num extraordinário logicismo analógico com iniciou, começou, terminou, etc.

5 - CONCLUSÃO

Considerando esta parte mais propriamente como palavras finais do que como uma conclusão, já que, devido à inesgotável capacidade de a Linguagem emocionar e suggestionar o leitor, nunca se deve (ou se pode) concluir nada em definitivo, busquemos sentir aquela conotação maior que nos ficou após tantas e tantas páginas de fruidora leitura.

A primeira constatação é a de que, com o manejo sufixal, o romancista "enxugou" a "sua" linguagem, de forma a aproximá-la, o mais possível, do sintetismo da linguagem sertaneja.

Os diálogos são secos e objetivos, quase não há comparações, ficando todas as similitudes expressas pelos sufixos.

E tal é a força indiciadora dessas partículas, que nelas fica centrado, quase exclusivamente, o fulcro significativo de cada trecho.

O trato sufixal vai revestir, portanto, uma linguagem localizada, que pela sua pobreza vocabular necessita significar muito com poucas palavras.

Nesses rincões, a mutação ["]linguística se processa muito lentamente, pois o intercâmbio com as metrópoles é esparso e modesto. Além disso, lá também não permanecem os jovens, os mais ativos responsáveis por essa mutação, sempre partindo em busca de melhores condições sociais e econômicas.

Então, a língua como que vai enovelando-se em si mesma, desgastando-se pelo uso contínuo e pela falta de ren

vação. O vocábulo atinge a sua mais alta cotação - a exemplo da lei econômica da oferta e da procura - e o seu manejo se torna difícil pela necessidade imperiosa da repetição.

O sertanejo, então, mexe-lhe nas entranhas, e convoca o socorro da analogia. Desenterra o sintetismo ancestral da língua e arranja-lhe novos significados para "velhas" significações.

Sem perceber, vai tornando ontologicamente às raízes do idioma; vai deixando o lastro fecundo em que vamos surpreender os tempos primitivos da linguagem humana, na sua luta para significar e representar os seres e as coisas.

Como não sabe do adjetivo torneado e engalanador, deriva seus parcos substantivos, assemelhando-os nocionalmente a outros que conhece.

Ao invés de ser residente ou locatário, será o "moreiro ^{no} ~~do~~ Capão do Ingã", num precioso e lógico resultado da fusão de morador com, provavelmente, meeiro, ou estancieiro, ou retireiro.

Seu mais próximo vizinho é o "cerradão feio e espinhento" com o qual não há diálogo, mas ações. Luta contra ele, e luta sozinho. Por isso, aprende ser lacônico, embora muito expressivo (cf. o personagem Fabiano, do admirável "VIDAS SECAS", de Graciliano Ramos), tornando-se, de uma vezada só, um "cabocão apaidegado, dono de toda a largura e comprideza da estrada".

O desuso da linguagem vai, também, incidir em outro aspecto altamente relevante: o do conservadorismo linguístico.

A quem se proponha fazê-lo, obras como esta que estamos comentando são filões riquíssimos para o estudo do conservadorismo da linguagem. E este detalhe, apesar de um maior interesse para a área dos estudos filológicos da língua, não deixa de ter a sua contraparte expressiva, pois que retrata e dimensiona um contexto típico, no qual a ambientação proposta pela linguagem é um dos seus mais significativos suportes estéticos, aliás muito bem surpreendido por Rachel de Queirós, ao prefaciá-la edição do romance:

"A primeira qualidade que me impressionou no escritor Mário Palmério foi este cheiro de terra, que o seu livro traz, tão autêntico. A gente tem a impressão de que ele nos entrega para ver, na sua integridade primitiva, aqueles bichos, aqueles caboclos, aquelas histórias de caçada e pescaria, que parecem histórias de mentiroso, de tão saborosas. Essa poesia de floresta e rio, tão difícil de captar, sem cair na ênfase."

Vamos, portanto, finalizando por aqui este modesto arremedo de conclusão, pois que para CONCLUIR mesmo, teríamos de centuplicar a quantidade destas páginas.

Ficamos conscientes, entretanto, de que "engenho e arte", quando postos a serviço da estética da linguagem, sempre encontrarão um meio de se realizarem na fecundidade plástica da nossa bela língua portuguesa, como conseguiu Mário Palmério.

* * *

*

6 - B I B L I O G R A F I A.

1. Identificação dos livros citados

BALLY, Charles. *Traité de Stylistique Française*. 3^{ème}. édition. 2. vols. Paris, Klincksieck, 1951;

CAVALCANTI, Ivan Proença. *Seleta de Mário Palmério*. Rio, Liv. José Olímpio Editora, 1974;

CAVALCANTI, Proença M. *Estudos Literários*. Rio, Livraria José Olímpio Editora, 1974;

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*, 2a. edição rev. e atual. Rio, FENAME, 1975;

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*, 6a. ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1970;

ELIA, Sílvio. *Orientações da Linguística Moderna*. Rio, Livraria Acadêmica, 1955;

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro, 1975;

MARTINET, André. *Eléments de Linguistique Générale*, (Paris, 1960),

MORENO DE OLIVEIRA, Maria Manuela, *Processos de intensificação no português contemporâneo*, publicação do Centro de Estudos Filológicos, Lisboa; 1962;

MATTOSO CÂMARA JR. J. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 2a. ed. Rio, J. Ozon Editor, 1964;

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*, 4a. ed. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1973;

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, 2a. ed., Rio, PADRÃO, Livraria e Editora, 1976;

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*, Rio, PADRÃO-Livraria Editora Ltda., 1976;

PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*, 17a. ed., Rio, Livraria José Olímpio Editora, 1976;

RODRIGUES LAPA, M.. *Estilística da Língua Portuguesa*, 5a. ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1968;

SAID ALI, M.. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 6a. ed., São Paulo, Edição Melhoramentos, 1966;

SOUSA DA SILVEIRA. Lições de Português, 7a. ed., Rio, Livros de Portugal, 1964;

2. Consultada

ALLEN JR., Joseph H.D.. Portuguese word-formation with suffixes, Supplement to Language, vol. 17, nº 2, Baltimore, 1941;

ALONSO, Dámaso. Poesia Espanhola - Ensaio de métodos e limites estilísticos, 3a. ed. Rio, INL, trad. de Darcy Damasceno, 1960;

CARVALHO, J.G. Herculano de. Teoria da Linguagem, Tomo I, Coimbra, Atlântica Editora, 1967;

CASTELAR DE CARVALHO. Para compreender Saussure, - fundamentos e visão crítica, Rio, Editora Rio, 1976;

DEVOTO, Giacomo. Nuovi Studi di Stilistica, Florença, Felice Le Monnier, 1962;

ELIA, Sílvio. Preparação à linguística românica, Rio, Livraria Acadêmica, 1974;

_____. Ensaio de filologia e linguística, 2a. ed., Rio, Grifo/MEC, 1975;

FREIXEIRO, Fábio. Da razão à emoção - ensaios rosianos e outros, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1968;

GUIRAUD, Pierre. A Estilística, São Paulo, Editora Mestre Jou, trad. de Miguel Maillet, 1970;

MARQUES, Oswaldino. Ensaio escolhidos, - teoria e crítica literárias, Rio, Editora Civilização Brasileira, 1968;

MATTOSO CÂMARA Jr. J.. Princípios de linguística geral, 4a. ed. Rio, Livraria Acadêmica, 1967;

_____. Problemas de linguística descritiva, 2a.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1969;

MELO, Gladstone Chaves de. Iniciação à filologia portuguesa, 3a. ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1967;

PROENÇA FILHO, Domício. Estilos de época na literatura, 2a. ed. Rio, Editora Linceu, 1969;

SAID ALI, M.. Meios de expressão e alterações semânticas, 2a. ed., Rio, Organização Simões, 1951;

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral, São Paulo, Editora Cultrix, trad. port. de Antônio Chelini e outros, 1969;

SILVA NETO, Serafim da. História da Língua Portuguesa, 2a. ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970;

WILLIAMS, Edwin B.. Do Latim ao português - fonologia e morfologia históricas da Língua Portuguesa, 2a. ed. Rio, Tempo Brasileiro, trad. de Antônio Houaiss, 1973.

DICIONÁRIOS

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa, 3a. ed., atualizada, Lisboa, parceria António Maria Pereira, 1948-1952;

NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico resumido, Rio, INL, 1966;

ELIA, Sílvia et alii. Dicionário Gramatical Globo, 3a. ed. Porto Alegre, Editora Globo S.A., 1962;

DICIONÁRIO DE LITERATURA, - Literatura Brasileira, português, sa, galega, estilística literária, 2 vols., Rio de Janeiro, Cia. Brasileira de Publicações, 1969;

PEQUENO DICIONÁRIO DE LITERATURA BRASILEIRA, - biográfico, crítico e bibliográfico, 1a. ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1969.

* * *